



A Santa Sé

**MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II
A UM CONGRESSO PROMOVIDO
PELA COMISSÃO EPISCOPAL
PARA OS PROBLEMAS SOCIAIS
E O TRABALHO DA CEI**

*Ao Venerado Irmão FERNANDO CHARRIER
Bispo de Alexandria Presidente da Comissão Episcopal
para os Problemas sociais e o Trabalho
da Conferência Episcopal Italiana*

1. Tenho a alegria de dirigir a minha saudação de bons votos aos participantes no Congresso nacional sobre «*A questão do trabalho hoje. Novas fronteiras da evangelização*», que se realizará em Roma nos próximos dias. Em particular, desejo saudar com afecto o Cardeal Camillo Ruini, Presidente da Conferência Episcopal Italiana, e Vossa Excelência, venerado Irmão, que se fez promotor da providencial iniciativa. O meu pensamento dirige-se, além disso, aos numerosos agentes pastorais das Dioceses e aos representantes das agregações laicais que, com a sua presença, testemunham de modo eloquente a atenção da Igreja que está na Itália ao mundo do trabalho e a sua vontade de estar na história com amor, levando a todos o anúncio de salvação do Ressuscitado.

A inserção da celebração do Congresso no segundo ano de preparação imediata para o Grande Jubileu do Ano 2000, dedicado à reflexão sobre a presença do Espírito Santo na Comunidade cristã e no mundo, sublinha o desejo dos organizadores de porem o Congresso sob a guia d'Aquele que conduz à verdade total (cf. *Jo 16, 13*), para acolher os numerosos desafios e as exigências de justiça e de solidariedade presentes no mundo do trabalho.

2. O actual contexto sociocultural notavelmente mudado apresenta, de maneira nova, a questão do trabalho. Como não pôr em relevo a precária situação de quantos não conseguem encontrar uma ocupação de trabalho, os dramas de

tantas famílias atingidas pelo desemprego e a preocupante condição dos jovens em busca de um primeiro emprego e de um trabalho digno? Que dizer, depois, daqueles, especialmente mulheres, menores e imigrados aos quais, constringidos a um trabalho clandestino, faltam as mais elementares garantias jurídicas e económicas?

A nova situação, que privilegia de facto as empresas e o sector terciário, põe em evidência além disso as dificuldades em que se debatem os trabalhadores do mundo rural e artesanal, outrora estrutura fundamental da economia italiana e hoje em grave crise. Como ignorar o pedido, apresentado com crescente insistência por estas categorias, de lhes ser reconhecido um papel socioeconómico adequado?

Não menos digna de consideração é a óptica instrumental e utilitarista segundo a qual, muitas vezes, somos movidos a enfrentar os problemas do trabalho, com a conseqüente e difundida queda dos valores da solidariedade e do respeito pela pessoa. Sintomas reveladores desse posicionamento são, entre outras coisas, as carentes condições de segurança nos lugares de trabalho e a busca de lucro, a qualquer custo.

Se, depois, alargamos a reflexão a dimensões mundiais, não podemos deixar de sublinhar, nos Países que se encaminham para a chamada terceira fase da industrialização, o fenómeno sempre mais marcado da globalização da economia e da finança. Ele apresenta a exigência de soluções que sejam capazes de garantir a irrenunciável perspectiva do bem comum.

À mundialização da economia está ligado, também em Nações desenvolvidas como a Itália, o perigo da exclusão de algumas áreas geográficas dos projectos de desenvolvimento, com conseqüências que penalizam os jovens e quantos se encontram despreparados para enfrentar as rápidas inovações tecnológicas. Isto gera um inquietante sentido de insegurança e de mal-estar, sobretudo nas camadas mais débeis da população.

Apesar disto, no mundo do trabalho não faltam promissores fermentos de esperança. Está a emergir nele uma nova cultura que, em consonância com a doutrina social da Igreja, considera como factor decisivo da produção «o próprio homem, isto é, a sua capacidade de conhecimento que se revela no saber científico, a sua capacidade de organização solidária, a sua capacidade de intuir e satisfazer a necessidade do outro» (Carta Enc. *Centesimus annus*, 32).

Está-se a tomar consciência, além disso, do facto que é possível estender o bem-estar social e económico ao planeta inteiro, oferecendo a todos os povos a oportunidade de realizar o próprio e autêntico desenvolvimento.

3. As inéditas fronteiras da questão do trabalho empenham os cristãos e os homens de boa vontade em reconstruir o sentido da actividade humana nas suas dimensões pessoais, familiares e comunitárias, superando as recorrentes tentações do egoísmo, do corporativismo e da supremacia do mais forte.

Nesse empenho, que requer a cooperação de todos, aos crentes é pedido que ofereçam um seu contributo peculiar: chamados a ser no mundo sinais autênticos do amor de Deus, eles não podem deixar de sentir a necessidade de ultrapassar os âmbitos restritos do próprio grupo ou do próprio País, respondendo à globalização dos sistemas económicos com a globalização do empenho de solidariedade para com as gerações presentes e futuras.

O Espírito, que convida o homem a colaborar de maneira responsável na humanização do mundo e a construir relações de fraternidade, lealdade e justiça, pede aos cristãos que se empenhem na promoção, entre as diversas partes, do diálogo e da disponibilidade necessários para realizar o bem comum, enfrentando com coragem sobretudo os problemas dos mais débeis e dos mais pobres. À cultura da conquista e da concorrência sem regras, que parece caracterizar o mercado internacional, eles devem opor opções concretas aptas para promover um sistema político e social, fundado sobre o reconhecimento da dignidade de cada pessoa e sobre o respeito do ambiente.

O vosso Congresso não deixará de reflectir sobre estes argumentos de grande importância social e pastoral. De coração faço votos por que ele possa oferecer um contributo significativo à renovação do mundo do trabalho, na linha da realização de «uma sociedade do trabalho livre, da empresa e da participação» (*Ibid.*, 35), escrevendo ao mesmo tempo um capítulo importante do projecto da Igreja na Itália, que tem em vista transformar profundamente, graças ao anúncio e ao testemunho do Evangelho, a inteira sociedade.

4. Com efeito, o Espírito que «é também para a nossa época o agente principal da nova evangelização» (Carta Apost. *Tertio millennio adveniente*, 45), impele os cristãos a anunciarem o Evangelho no mundo do trabalho e da economia. Esse empenho faz parte da missão do Povo de Deus e do seu estar ao serviço de cada homem e do homem todo. A crescente consciência de que «não há verdadeira solução para a questão social fora do Evangelho e que, por outro lado, as coisas novas podem encontrar neste o seu espaço de verdade e a devida avaliação moral» (Carta Enc. *Centesimus annus*, 5) interpela com força a Comunidade cristã a ser sinal autêntico de esperança, para oferecer ao homem de hoje «motivações sólidas e profundas para o empenho quotidiano na transformação da realidade, a fim de a tornar conforme ao projecto de Deus» (Carta Apost. *Tertio millennio adveniente*, 46).

A solução dos múltiplos problemas do homem não pode acontecer senão com a redescoberta dos valores espirituais. Não basta dar respostas concretas a interrogativos económicos e materiais; é necessário suscitar e cultivar uma autêntica espiritualidade do trabalho, que ajude os homens a aproximarem-se de Deus, Criador e Redentor, a participarem nos Seus planos salvíficos em relação ao homem e ao mundo e a aprofundarem na sua vida a amizade com Cristo (cf. Carta Enc. *Laborem exercens*, 24).

5. Em sintonia com a experiência de Maria e dos Apóstolos no Cenáculo, que este tempo pascal oferece à nossa consideração, o crente é chamado a orientar a oração «para os destinos salvíficos, para os quais o Espírito Santo abre os corações com a Sua acção, ao longo de toda a história do homem sobre a terra» (Carta Enc. *Dominum et vivificantem*, 66). Alimentando a própria fé no encontro com o Senhor, ele esforçar-se-á por despertar a esperança no coração dos homens e dos responsáveis das instituições, para que ponham todo o cuidado em promover e defender a dignidade da pessoa.

A questão do trabalho constitui, hoje, um grande desafio para a Comunidade cristã, e de modo particular para os fiéis leigos, estimulados ao dever fundamental de «animar, com espírito cristão, as realidades temporais e testemunhar, nesse campo, que são operadores de paz e de justiça» (Carta Enc. *Sollicitudo rei socialis*, 47), pondo em prática medidas inspiradas na solidariedade e no amor preferencial pelos pobres.

Possa este vosso Congresso, aproveitando os sinais positivos presentes na realidade italiana, individualizar novas vias

de evangelização do mundo do trabalho e oferecer indicações e apoios oportunos para resolver os numerosos problemas abertos.

Estou certo de que, ao serem delineados acontecimentos capazes de mudar o rosto da Europa, desenhando novos cenários sociais e económicos, o empenho dos católicos da Itália suscitará nos responsáveis da administração pública opções corajosas, para construir uma sociedade mais livre, democrática e justa, a nível nacional e planetário.

Com estes bons votos, invocando a protecção da Mãe do Redentor sobre Vossa Excelência, venerado Irmão no Episcopado, sobre os participantes no Congresso e sobre quantos se esforçam de maneira activa para a humanização do trabalho, com afecto concedo a todos uma especial Bênção Apostólica, propiciadora da graça e da paz do Salvador.

Vaticano, 6 de Maio de 1998.